

AS PRÁTICAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL A PARTIR DOS CONCEITOS DE SAÚDE ÚNICA E AFRO-DIASPÓRICOS

Data de aceite: 02/05/2024

Julianne Caju de Oliveira Souza Moraes

Doutoranda, UFMT, Brasil

Ivoneides Maria Batista do Amaral

Doutoranda, UFMT, Brasil

Benedito Dielcio Moreira

Professor Doutor, UFMT, Brasil

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo, a partir da revisão bibliográfica, apresentar conceitos sobre Saúde Única e Afro-diaspóricos para a sustentabilidade. Não se tem a pretensão de abarcar todo o campo do conhecimento das culturas afros nem daqueles referentes à saúde única, mas expor como códigos, símbolos e práticas advindas dos povos africanos, em função da migração forçada, podem contribuir para os processos de pensar, elaborar e ativar o desenvolvimento sustentável. Considera-se importante refletir sobre as formas com as quais as pessoas foram acostumadas a pensar de modo disciplinar, tendo apenas um ponto a ser observado, sem olhar para o ambiente que as cerca. Defende-se a necessidade da construção de uma outra “casa”, como adverte Teixeira Coelho (1994). Essa construção não deve começar pelo

telhado, mas pelo alicerce, uma construção pedagógica que respeite a diversidade e crie as condições para que se compreenda o ambiente como espaço de mediações de todas as relações, pois os sistemas vivos são fenômenos que se entrecruzam, e, à vista disso, torna-se primordial contemplar os complexos temas relacionados à saúde única e sustentabilidade. Tudo é possível, como mostrado pela saúde única, se considerar o significado afro-diaspórico e o uso da agroecologia como meio de ressignificar o tempo em que vidas plurais habitam o mundo. As mazelas sociais existem, mas podem ser combatidas com olhares múltiplos, transdisciplinares e com o reconhecimento de que tanto humanos, quanto animais domésticos, selvagens, plantas e meio ambiente estão interligados e precisam ser considerados nos momentos de pensar políticas públicas e desenvolvimento sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Meio ambiente. Sistêmico. Sustentabilidade.

WHAT THE CONCEPTS OF THE ONE HEALTH AND THE AFRO-DIASPORA CAN TEACH US ABOUT SUSTAINABLE DEVELOPMENT?

ABSTRACT: This work aims, based on the

literature review, to present concepts about One Health and Afro-diasporics for sustainability. It is not intended to cover the entire field of knowledge of Afro-Brazilian cultures or those related to single health, but to expose how codes, symbols and practices arising from African peoples, due to forced migration, can contribute to the processes of thinking, developing and activate sustainable development. It is considered important to reflect on the ways in which people were accustomed to thinking in a disciplinary way, having only one point to be observed, without looking at the environment that surrounds them. The need to build another “house” is defended, as warned by Teixeira Coelho (1994). This construction must not begin with the roof, but with the foundation, a pedagogical construction that respects diversity and creates the conditions for understanding the environment as a space for mediation of all relationships, as living systems are phenomena that intertwine, and, In view of this, it is essential to contemplate the complex themes related to unique health and sustainability. Everything is possible, as shown by unified health, if we consider the Afro-diasporic meaning and the use of agroecology as a means of giving new meaning to the time in which plural lives inhabit the world. Social ills exist, but they can be combated with multiple, transdisciplinary perspectives and with the recognition that both humans, domestic animals, wild animals, plants and the environment are interconnected and need to be considered when thinking about public policies and sustainable development.

KEYWORDS: Environment. Systemic. Sustainability.

LO QUE LOS CONCEPTOS DE ONE HEALTH Y AFRODIASPÓRICO PUEDEN ENSEÑARNOS SOBRE EL DESARROLLO SOSTENIBLE

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo, a partir de la revisión de la literatura, presentar conceptos sobre One Health y afrodiaspóricos para la sostenibilidad. No se pretende abarcar todo el campo de conocimiento de las culturas afrobrasileñas o aquellas relacionadas solo con la salud, sino exponer cómo códigos, símbolos y prácticas surgidos de los pueblos africanos, debido a las migraciones forzadas, pueden contribuir a los procesos de pensamiento, desarrollar y activar el desarrollo sostenible. Se considera importante reflexionar sobre las formas en que las personas estaban acostumbradas a pensar de manera disciplinaria, teniendo un solo punto que observar, sin mirar el entorno que los rodea. Se defiende la necesidad de construir otra “casa”, como advierte Teixeira Coelho (1994). Esta construcción no debe comenzar por el techo, sino por los cimientos, una construcción pedagógica que respete la diversidad y cree las condiciones para entender el entorno como un espacio de mediación de todas las relaciones, como sistemas vivos son fenómenos que se entrelazan y, en vista de Para ello, es fundamental contemplar los complejos temas relacionados con la salud y la sostenibilidad singulares. Todo es posible, como lo demuestra la salud unificada, si consideramos el significado afrodiaspórico y el uso de la agroecología como medio para resignificar la época en que vidas plurales habitan el mundo. Los males sociales existen, pero pueden combatirse con perspectivas múltiples y transdisciplinarias y reconociendo que tanto los seres humanos como los animales domésticos, los animales salvajes, las plantas y el medio ambiente están interconectados y deben ser considerados al pensar en políticas públicas y desarrollo sostenible..

PALABRAS CLAVE: Medio ambiente. Sistémico. Sostenibilidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo relacionar a saúde única e a sustentabilidade, além de discutir a relevância do tema e evidenciar o domínio das relações e interações dos organismos. Na atual conjuntura da sociedade, faz-se necessário refletir sobre o ambiente em suas diferentes dimensões. Tem-se o intuito de, a partir da revisão bibliográfica dos estudos sobre saúde única e conceitos afro-diaspóricos, provocar discussões que ocasionem mudanças de paradigmas nos hábitos e comportamentos nas relações entre seres humanos e demais seres vivos, propiciando a conscientização de práticas cotidianas voltadas ao cuidado de si e do outro. Maturana (2002) reforça que valores não se ensinam, antes é preciso vivenciá-los, portanto, a conscientização e a construção de políticas públicas para a utilização do ambiente como espaço onde se propaga todas as formas de vida se constituem como um meio efetivo de se romper com a disciplinarização e hierarquização dos territórios.

De acordo com Brewer e Carneiro (2021), saúde única oferece uma abordagem de sistemas para problemas complexos que envolvem as interações para o funcionamento da vida, em que organismos, sistema social e ecossistema estão interligados entre as esferas humana, animal, planta e saúde ambiental dentre outros modos de vida. Nessa perspectiva de pensar o ambiente como uma rede densa de conexões, o Ministério da saúde (2022) reforça a urgência de se reconhecer que a saúde de humanos, animais domésticos e selvagens, plantas e o meio ambiente (incluindo ecossistemas) estão intimamente ligados e são interdependentes. O conceito de saúde única não é contemporâneo, ele advém do termo Medicina Única (One Medicine), surgido no século XIX. O aumento de doenças infecciosas reacendeu a readequação da terminologia, uma vez que 70% dessas enfermidades são provenientes de animais selvagens e têm sido evidenciadas por causa do crescente uso dos recursos naturais, além das consequências que isso proporciona, a exemplo de alterações do clima, aumento de espécies invasoras, poluição, mortes e extinção de espécies, surgimento de novas doenças entre outros fatores.

A resolução desses e outros problemas oriundos da exploração e do desenvolvimento econômico passa por alternativas e ferramentas sistêmicas e multidisciplinares, com vistas à saúde de qualidade para as pessoas, os animais e o meio ambiente. Pensar em saúde única é refletir sobre os modos de produção dos alimentos, dos objetos e dos instrumentos considerados contemporâneos, de forma sustentável e a partir de sistemas que estejam conectados com as necessidades de todos os tipos de vida existentes.

Além disso, este texto pretende apresentar os conceitos afro-diaspóricos para a sustentabilidade que se quer e precisa, porém não tem a pretensão de abarcar todo o campo do conhecimento das culturas afros, mas expor como códigos, símbolos e práticas advindas dos povos africanos, em função da migração forçada, podem contribuir para os processos de pensar, elaborar e ativar o desenvolvimento sustentável. A formação do Brasil

tem grande influência africana, mas esse estudo só começa a acontecer efetivamente nas escolas em 1996, com a implementação da Lei número 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Depois da criação da LDB, não necessariamente da aplicação dela em todas as escolas brasileiras, em 2003 foi instituída outra Lei, a de número 10.369, que determina a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas do Ensino Fundamental e Médio, tanto públicas quanto privadas. Realizada em 2022 entre 1.1187 gestores de secretarias municipais de educação, uma pesquisa do Instituto Alana e do Portal Geledés realizada em 2022, com 1.1187 gestores de secretarias municipais de educação, revelou que sete em cada dez secretarias não fizeram nenhuma atividade ou realizaram pouca ação para a efetivação do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas gestadas por elas. As que foram entrevistadas correspondem a 21% do total das secretarias municipais, as que fazem pouca ou nenhuma atividade equivalem a 71%.

Uma das causas apontadas na pesquisa para esse resultado é a não formação do corpo docente para trabalhar tais temáticas. Apesar disso, reitera-se que a existência da Lei corrobora a importância do conhecimento histórico sobre África e outras leituras do legado dos povos negros. A aplicabilidade da lei 10.639/03 contribui também para a divulgação das práticas culturais africanas, dos saberes afro-diaspóricos para a saúde humana, dos animais e da natureza na perspectiva do desenvolvimento sustentável. Um dos legados afro-diaspóricos é a forma de se produzir alimentos. A revisão bibliográfica que será exposta neste trabalho mostrará que a prática cultural conectada com os saberes da ancestralidade de matrizes africanas, a agroecologia, é uma das tecnologias indispensáveis para a sustentabilidade que se almeja alcançar na sociedade contemporânea. Outra herança ancestral é a maneira com que lidamos com todas as vidas no meio ambiente, considerando que estão conectadas e agem de forma sistêmica, ou seja, tudo está interligado.

As perspectivas de vida e de tempo dos povos africanos valorizam os conhecimentos construídos e vivenciados pelos antepassados. Esses conhecimentos são baseados na ancestralidade e na memória, as quais importância se evidenciam nas tradições afro-brasileiras. Tempo, memória e ancestralidade pertencem ao passado, presente e futuro do legado africano. As experiências da memória constituem uma das formas de interconexão entre o que foi vivido e o que se pretende viver. É nesse sentido que este artigo pretende refletir: de que maneira os conceitos afro-diaspóricos podem mostrar possibilidades para o povo na diáspora brasileira, além de apresentar uma nova perspectiva das narrativas africanas sobre estar, pertencer e sentir as vidas habitantes? Ainda, quais as possibilidades de projeções de um futuro com sustentabilidade e prosperidade?

Muitos são os pesquisadores que têm desenvolvido os conceitos afro-diaspóricos, a fim de apresentar perspectivas bem diferentes do ideal desenvolvimentista criado pelos colonizadores europeus. Nobles (2009) afirma que no período escravocrata, além de roubar e sucatear, a escravização “descarrou” o povo africano de seu eixo civilizatório.

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa. (NOBLES, 2009, p. 284).

Nobles (2009) indica que o povo africano é o trem, os valores civilizatórios são os trilhos, a colonização foi o acidente, a condução para outros valores civilizatórios é o resultado dessa ação que causou muitos impactos negativos para a população africana, em todas as áreas e setores de suas vidas. Essas consequências ainda têm ressonâncias desastrosas na sociedade contemporânea. Corroborando esse pensamento, Munanga (2012) apresenta uma dessas implicações: “(...) sem território os demais aspectos da cultura não têm suporte para se refazerem” (p. 23), ou seja, os colonizadores quiseram destruir a identidade do povo africano e do negro-brasileiro por meio do aniquilamento e ocupação dos seus territórios cujos espaços são nascedouros da origem, da memória e da identidade da população negro-brasileira.

Outro resultado dos arranjos econômicos cunhados pela colonialidade, que diminuiu existencialmente os povos colonizados e que se perpetua globalmente, é a produção de bens e serviços associados ao consumo dos recursos naturais. Essa forma de desenvolvimento tem explorado em demasia o meio ambiente e aumentado as desigualdades ambientais e sociais. Por isso o resgate da afro-diáspora se faz necessário para um refazimento das formas de se trabalhar, viver conscientemente, da garantia dos recursos necessários à manutenção das vidas de forma coletiva e colaborativa. Neste trabalho não se pretende tratar do racismo ambiental, mas é importante considerar que se ele continuar sendo fomentado, a sustentabilidade das vidas vai se esvaír e ficar cada vez mais distante. O amparo social, ambiental, jurídico, econômico e cultural só terá êxito se a produção das desigualdades em todos os níveis for alijada e espaços mais sustentáveis convertidos em diferentes lugares e para todas as vidas.

A relação entre saúde única e sustentabilidade

Os sistemas vivos são fenômenos que se entrecruzam, sendo possível contemplar os complexos temas relacionados à saúde única e sustentabilidade, ressaltando a utilização simbólica, social, cultural e política dos espaços. Para Capra (1991, p. 79), a “mudança de paradigmas é, agora, realmente uma questão de sobrevivência para a raça humana”, esse é o grande desafio.

Considera-se importante refletir sobre as formas com as quais as pessoas foram acostumadas a pensar de modo disciplinar, tendo apenas um ponto a ser observado, sem

olhar para o ambiente que as cerca. Defende-se a necessidade da construção de uma outra “casa”, como adverte Teixeira Coelho (1994). Essa construção não deverá começar pelo telhado, mas pelo alicerce, uma construção pedagógica que respeite a diversidade e crie as condições para que se compreenda o ambiente como espaço de mediações de todas as relações, pois os sistemas vivos são fenômenos que se entrecruzam, e, à vista disso, torna-se primordial contemplar os complexos temas relacionados à saúde única e sustentabilidade.

Essa é uma forma de atualizar o modo de pensar e de fazer ciência, bem diferente do que se fazia no século passado. Nessa perspectiva Capra (1991) estimula a enxergar a realidade de forma ampliada, ou seja, maior do que se pode compreender, na busca de novos níveis de consciência. Considerando a grandeza da vida, é possível compreender o conceito de saúde única como a possibilidade de se enxergarmos que todas as formas de vida são como unidades que se conectam e se complementam por meio do ambiente compartilhado, reforçando a urgência de se reconhecer a relação entre Saúde única e Sustentabilidade.

Evidencia-se, dessa forma, a urgência de se atuar de modo interdisciplinar, construindo novas formas de sociabilidades e subjetividades comprometidas com a sustentabilidade do planeta, com o rompimento das relações de dominação etária, socioeconômico, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. A implementação de ações que perpassam as diversas fronteiras e se tornam uma compreensão real e crítica da situação atual do planeta numa visão holística contextualizada também se faz fundamental.

Ao observar a natureza como espaço onde tudo se conecta, pode-se ilustrar com um exemplo simples, a água do rio: quando um rio se torna poluído em toda sua extensão, as consequências são sentidas pelos humanos, plantas e animais, bem como todo o ecossistema é afetado, ainda que de forma diferenciada. Afinal toda essa cadeia da vida se desenvolve e interage de modo plural, fazendo com que as relações aconteçam processual e dinamicamente. Isso faz com que se propague de forma mais profunda e alcance diferentes dimensões. A saúde única é um dos caminhos para que se compreenda como as pessoas são afetadas com as doenças e outros problemas sociais, justamente por tratarem de modo isolado a realidade circundante.

O conceito de Saúde Única emerge de uma perspectiva interdisciplinar, vinculando saúde, ecossistemas e envolvendo uma rede de sistemas vivos. Arelado ao pensamento de Rincón (2017) sobre comunicação e cultura, em que tempo e espaço não são como costumavam ser, ou seja, o espaço se torna cada vez mais explorado, consoante a perspectiva capitalista, com o intuito da obtenção de lucros financeiros, sem refletir as graves mudanças ocasionadas nos espaços ambientais e comportamentais. Nessa perspectiva Giddens (1991) traz os efeitos da globalização, principalmente para as comunidades menores, que buscam em seu modo de vida a produção como meio de subsistência.

Para Maturana (2002), Varela (2005) e Menín (2018), é necessário refletir sobre a interdependência entre as áreas, ao voltar o olhar para essa perspectiva é possível perceber que vários conceitos se estruturam a partir da concepção, tais como: cibernética, autopoiese, a teoria geral do sistema e o pensamento complexo, demonstrando que todos os elementos vivos estão em constante interação, o que os torna interdependentes e conectados. Dentre os conceitos referidos está a autopoiese, desenvolvida por Maturana (2002) e Varela (2005), que nos possibilita uma nova compreensão do desenvolvimento natural e humano, ou seja, os seres vivos se formam por meio de uma unidade ecológica. O meio é o espaço em que os seres vivos realizam suas ações e onde acontece a autopoiese.

Nessa perspectiva é importante observar o que se tem feito com o ambiente do qual se faz parte, o exemplo aqui discorrido traz a água do rio como esse meio que interliga humanos, animais e territórios. Enquanto não se entrecruza essa relação de maneira multidisciplinar, as partes não conversam e conseqüentemente continua operando ações contraditórias, entre elas a poluição do rio, que tem causado a morte dos peixes, plantas e outros animais, além de ocasionar doenças na população, ações que de modo implícito ou explícito compõem a realidade circundante.

Dessa maneira são pertinentes os estudos relacionados à saúde única, pois demonstram que as mudanças ambientais têm ocasionado uma aproximação entre humanos e animais de maneira descontrolada, não se observa um limite necessário entre seres vivos distintos, isso faz com que haja uma maior incidência de doenças transmissíveis, doenças zoonóticas são comumente disseminadas na interface humano-animal-ambiente, onde, muitas vezes, as pessoas e os animais compartilham o mesmo espaço.

Capra (1997, p. 14) reforça que as pessoas se defrontam “com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível”. Dessa forma é necessário atrelar o pensamento sistêmico a redes conectadas de modo multidisciplinar, aperfeiçoando soluções que envolvam a educação, a comunicação, a saúde, o campo biológico, social e ambiental, seja de modo local ou global. Considerando que a cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana, Turner (1974) reforça que a cultura corresponde a um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo ou determinado grupo artístico, que cultiva um padrão estético semelhante e se constitui num fenômeno coletivo. Diante das mudanças no cenário local, tem-se uma dimensão real da situação que permeia a modernidade, suas interferências e transformações na representatividade das tradições.

Ao se pensar o processo de autopoiese desenvolvido por Maturana (2005), é pertinente afirmar que, se há uma transformação na estrutura do ambiente, ele precisa ser analisado por diferentes ângulos. Com a consolidação de um sistema capitalista que atua nas premissas de acumulação do capital, ocasionando o consumo para além do necessário, amplia-se a problemática ambiental que vem se agravando e ganhando ênfase a partir da década de 1980, com o surgimento do processo de globalização e o objetivo de

homogeneizar as civilizações do mundo, colocando como base os moldes da população norte-americana. Podem ser destacados elementos marcantes de transformação profunda na vida dos homens, entre si e com o meio ambiente, por conseguinte das condições objetivas e subjetivas da saúde humana e da sustentabilidade ambiental.

A década de 1990 redimensionou a percepção e prática das questões ambientais, especialmente devido à publicação da Agenda 21, importante instrumento de discussão em torno da temática ambiental, com vistas a um novo modelo de desenvolvimento para o séc. XXI, pautado em uma sociedade sustentável. A consciência sobre os problemas ambientais tem ocorrido de forma mais intensa nos últimos anos. As pessoas têm se preocupado mais com os impactos gerados pelo mau uso dos recursos naturais, em especial nas últimas décadas do século XX.

A degradação ambiental tem sido algo tão intenso, tornando-se um problema planetário que atinge a todos, decorrente do tipo de desenvolvimento praticado pelos países, porém o que se observa é uma resistência em analisar esse problema de modo generalizado, que resta confinado nos limites territoriais dos estados nacionais. Vários líderes governamentais se negam a assumir que muitos problemas ambientais são decorrentes dos processos de crescimento e desenvolvimento desequilibrados. Tais atitudes tem despertado interesses diferenciados entre diversos agentes, indivíduos, governos, organizações internacionais, entidades da sociedade civil.

Essa modificação no ambiente é notável com o aumento do aquecimento global, que afeta as diferentes populações e países diversos. Conforme Cavalcante KKS, *et al*, (2020, p. 2), “desde o século XIX, observa-se a semelhança nos processos de doenças entre animais e humanos, porém as medicinas humana e animal foram praticadas separadamente até o século XX”. Ou seja, não havia um entendimento sobre a complexidade do sistema. Essa rede de conexões precisa emergir em diferentes linguagens, pois, com a expansão populacional, tem-se vivenciado as mudanças climáticas, grandes porções de terras voltadas à plantações e criação de gado, além dos desmatamentos e poluição, fatores que afetam o meio ambiente, os animais e o homem.

Conforme ressalta Tiriba (2010, p. 2), “diante de uma cultura que silencia a unidade e valoriza a dicotomia, afirmamos, desde a primeira infância, a importância da Educação Ambiental enquanto processo que religa ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida”. Ainda reforça que a educação para sociedades sustentáveis tem como referência fundamental o ato de cuidar, à medida que orienta o trabalho relacionado às três ecologias definidas por Guattari, permitindo avaliar a qualidade das atividades relacionadas ao ser (ecologia pessoal), à qualidade das interações coletivas (ecologia social) e à qualidade das relações com a natureza (ecologia ambiental).

Nesse contexto pode-se refletir sobre o pensamento complexo, ressaltando que se deve considerar o sistema não só como unidade global, pois seria o reducionismo para uma macrounidade, sendo necessário compreender que o todo retroage sobre as partes, que, por sua vez, retroagem sobre o todo. À vista disso Morin (2013, p. 260) afirma que,

O todo é efetivamente uma macrounidade, mas as partes não estão fundidas ou confundidas nele; têm dupla identidade, identidade própria que permanece (portanto, não é redutível ao todo) identidade comum, a da cidadania sistêmica. Mas ainda: os sistemas atômicos, biológicos, sociais indicam-nos que um sistema não é só uma constituição de unidades a partir da diversidade [...].

Uma verdadeira causa de vida, mais que um ser no mundo, o ser humano se tornou presença no mundo, com o mundo e com os outros. Para Freire (1987), presença que reconhecendo a outra presença como um “não-eu”, reconhece a “si própria”. Presença que pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha. É a partir desta vivência de valores, em unidade, que serão criadas as possibilidades para uma vida adulta em que a solidariedade, a cooperação e responsabilidade não precisem ser o tempo todo lembradas.

A crise ambiental é uma das questões fundamentais enfrentadas pela humanidade e exige mudança de mentalidade, em busca de novos valores e uma ética em que a natureza não seja vista apenas como fonte de lucro. À medida que as sociedades humanas se territorializaram, construindo seus ambientes a partir de interações com espaços concretos de um planeta que possui grande diversidade de formas geológicas e biológicas, emergiram incontáveis exemplos de práticas materiais e percepções culturais referidas ao mundo natural. A produção de um entendimento sobre esse mundo se tornou um componente básico da própria existência social (PÁDUA, 2010).

O termo sustentabilidade está diretamente relacionado ao conceito de saúde única, pois o desenvolvimento sustentável implica a elaboração de ações que promovam a sustentação da sociedade, no âmbito econômico, ambiental e social. Desse modo, para além de ações de cunho puramente ambiental, a sustentabilidade está ancorada na concretização de objetivos que contribuem para a economia e para o bem-estar da sociedade. Para Capra (2006), reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais pode-se satisfazer as aspirações e necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. Para realizar essa tarefa, pode-se aprender valiosas lições extraídas do estudo de ecossistemas, que são comunidades sustentáveis de plantas, animais e microrganismos. A sustentabilidade pensada no contexto global, nacional e local, no intuito de evidenciar algumas questões relacionadas as ações do cotidiano.

Os ecossistemas ensinam a viver de maneira sustentável. Capra (2006) em sua obra *Alfabetização Ecológica*, propõe refletir sobre como é possível tornar-se ecologicamente alfabetizado, ou “ecoalfabetizado”, o que significa entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis. É preciso revitalizar as comunidades — inclusive aquelas educativas, comerciais e políticas.

Cabe destacar que sucesso da comunidade depende do sucesso de cada um de seus membros, enquanto o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade

como um todo. Entender a interdependência ecológica significa entender relações, buscar um acordo entre economia e ecologia e refletir sobre o fato de que a natureza é cíclica, enquanto os sistemas industriais são lineares, ou seja, os padrões sustentáveis de produção e consumo precisam ser cíclicos, imitando os processos cíclicos da natureza, para que se possa viver em um ambiente mais saudável, como menos consumo. Dessa forma é preciso atuar na difusão dessas práticas de sustentabilidade, em continuidade às discussões sobre a conscientização e o ativismo de todos os setores da sociedade, como ação necessária, sejam elas de caráter individual ou coletivo.

É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional (MORIN, 2013, p. 189).

Ainda são poucos os estudos interdisciplinares que relacionam dados sobre causas e efeitos gerados de modo interligado com a saúde humana, animal e ambiental. Nessa perspectiva, Carneiro e Brewer (2021, p. 222) afirmam que é imprescindível utilizar como fonte de pesquisa o conceito “One Health, que busca uma abordagem interdisciplinar representada por um complexo sistema biológico e social, que envolve múltiplos atores e processos e suas interações ao longo do tempo a nível local, nacional e global”. Dito de outra forma, quando se somam os fatos têm-se uma visão ampla sobre o contexto, por exemplo, ao se tratar dos efeitos da poluição do rio para os peixes, humanos e o ambiente, é possível observar que a ação é circular, afetando e transformando o organismo todo. Reforça-se que os estudos interdisciplinares se apresentam como o caminho mais viável para a compreensão de que ao afetar parte de um sistema os outros organismos sofrem as consequências.

O que dizem os conceitos afro-diaspóricos sobre a sustentabilidade?

Se por um lado a globalização tem permitido o crescimento do hibridismo e do cosmopolitismo, como também de fomentar ações de grupos que foram separados por causa da colonização e da exploração de mão de obra humanas; por outro, por não ser um processo homogêneo, a globalização não abarca todos os territórios da mesma maneira, seja na amplitude das áreas culturais, econômicas ou sociais. Os índices de pobreza, desemprego e aumento da concentração de renda são exemplos do aumento dos problemas que contribuem para a ampliação das desigualdades socioeconômicas nos países colonizados. Outra consequência da criação desses laços tem proporcionado problematizações sobre ser, estar, pertencimento, representatividade e territorialidade.

Assim observa-se o processo contínuo, perene e amplo de se tornar sujeito afro-diaspórico desde a sociedade escravocrata até o presente e, por ter corpo, voz e lugar de fala, ele terá continuidade. A sociedade contemporânea tem vivenciado as possibilidades de conhecer e aprender sobre outras histórias de África, bem como de reconhecer as tecnologias criadas e usadas pelos povos africanos para viver em harmonia consigo mesmo e com o meio ambiente. Uma das práticas ancestrais que se apresenta neste trabalho é da Agroecologia, que soma com os conceitos afro-diaspóricos e o desenvolvimento sustentável. Assim como a definição de saúde única engloba a integração e unificação do equilíbrio das vidas das pessoas, animais e ecossistemas, a agroecologia também, porque tem como princípio o trabalho coletivo, sistêmico e sustentável.

Importante lembrar que assim como a diáspora, o significado de agroecologia não pode ser fixado, pois se move por uma cadeia de diversidades e diferenças, além de sistêmico e libertário. Nessa perspectiva, Hall (2013) ajuda a compreender que as diásporas, ao englobarem vários sentidos e complexidades sistêmicas, envolvem também as nações, as comunidades e as entidades políticas dos povos. É a cultura que possibilita a formação e a compreensão das diferentes identidades sociais, bem como das práticas que acontecerão entre o homem, o meio ambiente e outros seres vivos. As práticas sociais, portanto, estão interligadas com as dimensões culturais, tais como as áreas econômicas e políticas.

Tal concepção afro-diaspórica ainda sofre apagamento por causa da colonialidade do saber – conhecimento pensado e formado somente por pessoas brancas, que reafirmam a não visibilidade dos saberes dos povos negros e indígenas; da colonialidade do poder – espaços de decisão ocupados somente por pessoas brancas, enquanto negras e indígenas foram alocadas para os lugares de fazer o que a branquitude decidir; da colonialidade do ser – representação somente de pessoas brancas nos diferentes espaços sociais. A reprodução da colonização tem relevância no entendimento de como as identidades são construídas, como se inserem nas realidades, nos territórios e nas marcas da dinamicidade com as culturas (SODRÉ, 1988).

A negação das humanidades das pessoas africanas, ocasionada pela diáspora compulsória, causou inviabilização, ocultação e apagamento dos saberes dos povos negros. Diante desse fato e de tantos outros é que tem se valorizada a ampliação dos conceitos afro-diaspóricos, a fim de evidenciar que esse conhecimento não está deslocado da vida e não é universal. O rompimento com a narrativa única dos saberes eurocentrados e colonizantes permite a expansão dos princípios das materialidades, corporeidades, experiências, afetos e simbologias africanas. Nesse sentido, os conceitos afro-diaspóricos, a exemplo, da agroecologia, que permite o desenvolvimento com fins mais sustentáveis, têm na perspectiva democrática, inclusiva, decolonial e ancestral possibilidades de se perpetuarem, ainda que tensões estejam imbricadas nesses processos de pensar, fazer e ser mais afro-brasileiro e mais afro-centrado no desenvolvimento socioeconômico.

A desobediência epistêmica sugerida por Mignolo (2018) é uma opção decolonial para se trilhar caminhos para reflexões pós-colonial e descolonial.

Pretendo substituir a geo e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por "Ocidente" eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2018, p. 290).

Para Mignolo (2018), é urgente o desvínculo com o pensamento moderno ocidental, bem como problematizar as lógicas hierárquicas e binárias dos discursos e das práticas colonizantes. Ser e estar não resume o pensamento descolonial, mas o reconhecimento das diferenças, diversidades e pluralidades das organizações sociais, das categorias humanas e das relações de poder que atravessam os conjuntos que agregam as pessoas na sociedade. A não limitação hegemônica das regras e dos construtos sociais são as indicações do pensador para o entendimento sobre identidade em política e desobediência epistêmica.

Os estudos afro-diaspóricos têm mostrado que as narrativas contribuem para o desenvolvimento sustentável de várias maneiras. Ainda que no âmbito formativo das relações étnico-raciais se encontrem as consequências da modernidade, é possível transpor, descolonizar e afro-centralizar os caminhos em prol da sustentabilidade. Nessa perspectiva, reafirma-se as narrativas afro-diaspóricas a partir do que foi citado anteriormente como uma das ferramentas para outras perspectivas, modos de ser, fazer e acontecer.

A Agroecologia é uma ciência que estuda processos ecológicos de forma holística, considerando os saberes tradicionais, as características do meio ambiente e o conhecimento científico. É uma disciplina científica que congrega as dimensões sociais, culturais, éticas e ambientais no uso dos recursos naturais para a produção agrícola sustentável e conservação da biodiversidade agrícola. A Agroecologia é entendida como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis (CAPORAL e COSTABEBER 2000a; 2000b; 2001, 2002).

Minimizar os fatores restritivos de produção por meio da busca da raiz dos problemas de maneira integrada, com opções holísticas e a longo prazo, é uma das propostas da agroecologia. As soluções apresentadas são as que têm como base as práticas ecológicas e sustentáveis.

A Agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável. (CAPORAL E COSTABEBER, 2004, P. 13)

Dessa maneira compreende-se que a Agroecologia busca nos conhecimentos empíricos, populares, científicos e tecnológicos a promoção de transformações, produções e consumos mais sustentáveis e ecológicos. No que tange à área da saúde, a agroecologia pode promover melhoria na qualidade de vida das pessoas através da promoção da sustentabilidade ambiental, da garantia da segurança alimentar e nutricional, do incentivo à participação de todos os agentes sociais, do resgate dos saberes tradicionais e da abordagem interdisciplinar. Uma das convergências da Agroecologia e da Saúde Única é possibilitar benefícios para a saúde do agricultor e do consumidor, ou seja, todas as pessoas ganham com as práticas agroecológicas e podem ter mais segurança alimentar e nutricional.

Enxerga-se, portanto, nessa ciência e modo de produzir alimento mais um meio de transver as necessidades e demandas dos seres vivos. Pensar em todos os agenciamentos gerados pela colonialidade se faz necessário, haja vista a comunicação das ideias colonizadoras se dar pelos significados, enunciados e sentidos das coisas e dos objetos. É por meio deles que o racismo continua sendo reproduzido, fomentado e às vezes reinventado. “Uma das coisas mais difíceis, tanto para uma pessoa quanto para um país, é manter sempre presentes diante dos olhos os três elementos do tempo: passado, presente e futuro” (FANON, 2020, p. 264).

A dimensão afro-diaspórica da busca pela sustentabilidade em todas as áreas sociais mostra um deslocamento, um extravasamento de sentidos e significados dos seres, dos saberes e dos acontecimentos em descolonização nas práticas econômicas e culturais. Os conceitos aqui apresentados na perspectiva africana mostram a amplitude e a projeção de fronteiras epistêmicas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante do que foi exposto neste trabalho, destaca-se e repete-se que a saúde única e os conceitos afro-diaspóricos não são inovadores. Eles foram invisibilizados pelos que se autointitulam donos dos saberes, das produções de conhecimento e das práticas desenvolvimentistas. Se não são novidades, há muitas possibilidades de olhar, entender, refletir, escolher e fazer a partir de uma perspectiva sistêmica, inclusiva e sustentável. Olhar para o passado é criar mais possibilidades para se agir no presente e planejar o futuro com despertar de consciência e responsabilidade socioambiental.

Tudo é possível, como mostrado pela saúde única, se considerar o significado afro-diaspórico e o uso da agroecologia como meio de ressignificar o tempo em que vidas plurais habitam o mundo. As mazelas sociais existem, mas podem ser combatidas com olhares múltiplos, transdisciplinares e com o reconhecimento de tanto humanos, quanto animais domésticos, selvagens, plantas e meio ambiente estão interligados e precisam ser considerados nos momentos de se pensar políticas públicas e desenvolvimento sustentável.

Os seres humanos têm a possibilidade de construir coisas novas, diferentes e diversas, mas as respostas para os problemas sociais muitas vezes já existem, porém, ainda não foram alcançadas de forma sistêmica, a partir do que versam os conceitos de saúde única e os afro-diaspóricos. Na sociedade contemporânea é primordial investir não apenas na interação presencial ou digital, mas também na organização social a partir das diversidades, pluralidades e singularidades das culturas.

REFERÊNCIAS

Brasil Ministério da Saúde. **Saúde Única**. Site do ministério da saúde.gov, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-unica>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CAPORAL, Francisco Roberto, COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

CAPRA Fritjof. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix; 2006.

CARNEIRO Liliane Almeida; BREWER Christina Pettan, **One Health: Conceito, História e Questões Relacionadas: Revisão e Reflexão**. Pesquisa em Saúde & Ambiente na Amazônia: perspectivas para sustentabilidade humana e ambiental na região, 2021.

COSTABEBER, José A.; CAPORAL, Francisco R. **Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável**?. In: VELA, H. (Org.). Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável no Mercosul. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, 2003. p.157-194.

FANON, Franz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. 5° reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MATURANA, Humberto; VARELA J. Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. ed. 5° São Paulo: Palas Athena, 2005.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. 1 ed. Lisboa: Portugal. Antígona Editores Refratários, 2014.

MENIN, Álvaro. **Saúde Única: uma reflexão**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2018.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: Literatura, língua e identidade. n.34, p.287-324, 2008. Disponível em www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf . Acesso em: ago. 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. [on line] vol. 32. n.94. jun/2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em jan. 2018.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Ed.15º Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-297.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental.** Revista estudos avançados. USP São Paulo, 2010.

RINCÓN, Omar. **Mutações bastardas da comunicação.** Matizes, V.12 - No 1 jan./abr. 2018 São Paulo - Brasil p. 65-78.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.

TIRIBA, Léa. **CRIANÇAS DA NATUREZA.** Anais do I Seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

TEIXEIRA, Coelho. **O imaginário e a pedagogia do telhado.** Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar., 1994.

TURNER, Victor W. **O processo ritual, estrutura e anti estrutura.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.